

Biblioteca - Fmty

1973

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

Biblioteca - Centro
Arquivo

ISMAEL DE LIMA COUTINHO E OS ESTUDOS
LINGUÍSTICOS NO BRASIL

CURSO: Os Estudos Lingüísticos no Brasil

PROFESSOR: Olmar Guterres

ALUNA: Maria Teresa Coutinho Robert

PERÍODO: 1º semestre de 1973.

ISMAEL DE LIMA COUTINHO E OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO BRASIL

1 - LIGEIRAS TRACOS BIOGRÁFICOS

2 - BIBLIOGRAFIA

2.1 - Ativa

2.1.1 - Publicações

2.1.2 - Inéditos

2.2 - Passiva

3 - FONTES DE SEU CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO

4 - A GRAMÁTICA HISTÓRICA

5 - AS ETIMOLOGIAS

6 - OS INÉDITOS

6.1 - O "Z" no Antigo Latim

6.2 - Estudo sobre "Parricida"

6.3 - História de uma Palavra: Persôna

6.4 - Extremunhado. Extremunhar

6.5 - Estudo sobre a "Ândria" de Terêncio.

7 - CONCLUSÕES

1 - LIGEIOS TRAÇOS BIOGRÁFICOS

A doze de maio de 1900, em Paracouena, Município de Santo Antônio de Pádua, estado do Rio de Janeiro, nasceu Ismael de Lima Coutinho, filho de José Coutinho de Carvalho, modesto negociante de interior, e de D. Amélia Mascarenhas de Lima Coutinho. Aprendeu as primeiras letras em sua vila natal com D. Lourença Guimarães, professora local, ainda viva e já em idade bastante avançada. Às suas aulas seguiram-se as do professor José Pinto de Sousa, que, residindo em Campelo, vila vizinha, ensinava aos meninos da redondeza. Levado por este modesto professor, que o acompanhou, orientando suas leituras, deu o menino seus primeiros passos para a vida de estudioso que iria abraçar. Passava, então, seu tempo, dividido entre os trabalhos diários de ajuda a seus pais, no negócio, e as leituras noturnas a que se dedicava até altas horas, à luz de um candeeiro. Chegou mesmo a furar a palhinha da cadeira, seu corpo magro, tantas horas ali sentado.

Logo, porém, começa a ansiar por um saber mais profundo que / não poderia ser encontrado naquela vilazinha modesta e simples. Para isso, no entanto, precisava de recursos que seus pais não possuíam. Teria que procurar por si mesmo o caminho para vencer as dificuldades financeiras da família. Foi, quando, aos 17 anos, decidiu ingressar no Seminário, levado, / quem sabe, pelo profundo espírito religioso de sua família, principalmente de sua mãe. Lá, para compensar a gratuidade de seu curso, ajudava no ensino das classes mais atrasadas, porquanto, pelos conhecimentos adquiridos anteriormente, já ingressou em série mais adiantada.

Pelo desempenho de seu trabalho e dedicada perseverança, granjeou, de imediato, a estima e confiança de D. Agostinho Benassi, bispo de Niterói, de quem se tornou grande amigo e que o elevou à condição de seu secre

tário particular.

Assim passou, no Seminário, nove anos, empenhado em aprofundar, cada vez mais, seus conhecimentos. Chegou até a receber todas as ordens menores. Sua saúde abalada, no entanto, o levou a afastar-se do Seminário, para tratamento. Ao regressar encontrou morto seu amigo e protetor, D. Agostinho Benassi, de cuja ajuda não se sentia capaz de prescindir para enfrentar os sacrifícios e dificuldades do sacerdócio. Estas e outras razões de ordem interior o teriam desencorajado a prosseguir a carreira religiosa, enquanto, ao mesmo tempo sentia que, aqui fora, poderia ser tão útil ou mais a seus semelhantes. Decide-se, assim, pelo afastamento (1926).

Começa então a carreira do educador e filólogo que se tornaria mais tarde. Já no Seminário, demonstrava seu interesse desperto para os estudos da língua vernácula, em artigos publicados, no jornalzinho da cidade em que residia sua irmã e onde costumava passar parte de suas férias.¹

Lecionou, inicialmente, no Colégio Silvio Leite, no Rio de Janeiro, durante dois anos (1927-28). Daí, atendendo ao chamado de seus conterrâneos, voltou a Stª Antônia de Pádua, para lecionar por mais dois anos, no educandário de José Lavaquial Biosca. Por essa ocasião torna-se conhecido de figuras representativas no magistério oficial que, impressionadas com seu preparo e com suas qualidades inatas de professor, convencem-no a se candidatar a uma vaga para a cátedra de português, no Liceu de Humanidades de Campos. Esse fato exigiu, do jovem professor, um grande esforço: teria que, em tempo exíguo, elaborar duas teses: uma de livre escolha do candidato, outra por imposição da banca, composta, entre outros membros, de Júlio Nogueira.

¹ Vide anexo I

ra e João Ribeiro. As teses, O Problema da Crase e As Criações Internas do Idicma, escritas apressadamente, foram defendidas com tal segurança pelo candidato que logrou um valioso comentário de João Ribeiro - "eu não teria feito melhor". Foram-lhe conferidas notas excelentes, classificando-se em 1º lugar.

A 24 de maio de 1929, ano em que iniciava seu curso de direito, casa-se com D. Catarina Tavares de Lacerda.

Em novembro de 1930 é surpreendido com sua transferência para o recentemente criado Liceu de Niterói, para ocupar a cátedra de Português e Literatura.

Conclui, em dezembro de 1932, o curso de ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito da então Universidade do Brasil. Não pretendia, no entanto, ingressar na advocacia. Sabia de seus pendores para o magistério e para os estudos, sempre mais aprimorados, das línguas clássicas.

Durante alguns anos lecionou português, latim e grego nos colégios Bittencourt Silva e Brasil, renomados estabelecimentos de ensino da capital fluminense. Várias gerações passaram por suas aulas. Em torno do mestre uma admiração sempre crescente se impunha, não apenas por seus dotes intelectuais e morais, mas porque

na sua presença algo misterioso prendia o interlocutor: talvez a voz, que trazia o numeroso coração no metal de inflexão matizada de quem só sabia falar bem dos outros, talvez o riso franco, sem reticências nem malícias, senão a mesma alegria a transfundir bondade; certamente a efusão de simpatia, capaz de influir nos mais arredios e nos menos afins com sua grande alma. ¹

¹ In: Ismael de Lima Coutinho, artigo publicado no "O Diário" de Belo Horizonte por Aires de Mata Machado Filho, em 5.08.65.

Em 1937, presta concurso para as escolas técnicas secundárias da Prefeitura do,então,Distrito Federal. Aí chegou a coordenador dos cursos do Instituto de Educação da atual Guanabara, em cujo cargo se aposentou.

Criou também, neste mesmo ano, com um grupo de educadores, entre eles, o prof. Serafim Silva Neto, o "Instituto de Humanidades", que pagou depois a ser denominado Colégio José Clemente e, atualmente, Instituto Gay-Lussac. Pouco depois retira-se da Sociedade, levado a outras solicitações.

Em 1938 publica sua principal obra, a Gramática Histórica, até hoje consagrada e já na 7ª impressão da 5ª edição.

Além de suas atividades intelectuais e de magistério, ocupou cargos públicos de natureza político-administrativa. Foi secretário da Prefeitura Municipal de Niterói, de 1941 a 1943, substituindo o prefeito no final de seu mandato. Exerceu o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, de 1946 a 1948. Foi membro da Comissão do Livro Didático do Ministério de Educação. Presidiu o Conselho Deliberativo Estadual da Aliança Eleitoral pela Família. Foi também o primeiro presidente do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1947 inicia seu funcionamento a Faculdade Fluminense de Filosofia, criada por um pequeno grupo de intelectuais, em que foi, além de um dos fundadores, o primeiro diretor eleito. Nesse estabelecimento de ensino superior, mais tarde incorporado à hoje Universidade Federal Fluminense, ministrou suas aulas de Língua e Literatura Latina, cadeira que regia com a maior dedicação, responsabilidade e altruísmo, nos últimos dezoito anos de sua vida.

Participou de várias bancas de concursos para provimento de cátedras em diversas universidades brasileiras - Recife, Porto Alegre, Belo-Ho

riante, São Paulo, Rio de Janeiro, além de congressos, simpósios e colóquios realizados nos estados de S. Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

Foi membro fundador da Academia Brasileira de Filologia e ocupou, na Academia Fluminense de Letras, a cadeira nº 21, que tem como patrono o Bispo Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho e ocupada, agora, recentemente, por Maria Luísa Barroso. Teve assento, ainda, à Sociedade Brasileira de Romanistas, além de participar de outras entidades culturais.

Lia com facilidade várias línguas, que o possibilitavam a leitura de obras mais modernas lançadas nos grandes centros culturais do mundo. Puz-se, desta forma, sempre a par das últimas conquistas da ciência da linguagem. No entanto, pode-se dizer que "a obra de Ismael Coutinho, contrastando flagrantemente com sua intensa atividade cultural, é pequena."¹

Paraninfcu várias turmas de formandos nas escolas em que lecionava, sendo eleito o patrono da turma de 1965, ano em que morreu, tragicamente, num acidente de automóvel.

De toda a sua carreira laboriosa de magistério, fixou-se na memória de quantos com ele tiveram a oportunidade de conviver a ternura e a franqueza de um verdadeiro mestre que, como filólogo erudito que era, estava sempre pronto a esclarecer dúvidas de quantos o buscavam para soluções de problemas de lingüística e gramática, fosse no refúgio de seu lar, em encontro no portão de escolas ou onde quer que fosse encontrado. Figura de destacada projeção nos círculos sociais, culturais e pedagógicos fluminense, "inteligência privilegiada a serviço de um coração boníssimo, cheio de sentimentos nobres, puros e elevados, despretensioso e modesto, verdadeiramente

¹ Luc Realvo do Valle, Estudos Lingüísticos, I, l. São Paulo, 1966, p. 34.

humilde, desconhecia o mérito pessoal."¹

2 - BIBLIOGRAFIA

Apesar de uma grande atividade cultural, pouco nos legou o professor Ismael Coutinho. Sua vida intensa de professor, sempre correndo, a cumprir rigidamente seus horários de aula e nisso era cioso, não lhe permitiu a tranqüilidade necessária para produzir. Mas o que recebemos dele, bem pode demonstrar seu preparo e sua capacidade intelectual.

Dividimos este capítulo em duas partes. Na primeira, relacionamos a obra do mestre e na segunda, o que podemos recolher sobre ele.

2.1 - Bibliografia ativa

Inicialmente pensáramos em apresentar a bibliografia de Ismael de Lima Coutinho por assuntos, separando os estudos latinos dos de língua portuguesa. Mas entendemos que, para uma pesquisa inicial, seria muito minuciosa esta distinção e decidimos por uma apresentação cronológica de publicação, seguida pelos inéditos.

2.1.1 - Publicações

1927

Método de Análise Lógica. Rio. Tipografia Amorosa.

Avulso?

Este trabalho foi destinado a candidatos aos exames de Português

1928

As Criações Internas do Idioma. Tese sorteada para concurso à cátedra

¹ In: "Depoimento para a história da vida e da obra de Ismael de Lima Coutinho", Durval Baptista Pereira.

de Português do Liceu de Humanidades de Campos.

O Problema da Crase: Tese de livre escolha para concurso à Cátedra de Português do Liceu de Humanidades de Campos.

1936

Pontos de Gramática Histórica. Niterói, Livraria e Papelaria Acadêmica.

Obs.: Referimo-nos aqui à publicação do primeiro ponto - Gramática / Histórica. Método Comparativo, Glotologia, Filologia e Literatura - que se incorporaria, dois anos depois, à publicação da obra intitulada, ainda, Pontos de Gramática Histórica. O autor começou a publicação em fascículos, o que explica o título da obra, que nunca desejou mudar, mas que, a partir da 1ª edição, a editora entendeu, por bem, e disso convenceu o autor, substituí-lo por Gramática Histórica, embora na folha de rosto se conservasse o nome primitivo.

1938

Pontos de Gramática Histórica. Rio. Acadêmica.

Obs.: Em 1941 teve sua 2ª edição "melhorada"; em 1954 a 3ª; em 1958, a 4ª edição "revista e aumentada"; em 1962 a 5ª, já reproduzida sete vezes, a partir de 1967.

1941

Uma achega etimológica (acabrunhar). In: Miscelânea de estudos em honra de Antenor Nascentes. Rio. 1941. p. 61-64.

Dois vocábulos aparentados (borco, emborcar). In: Revista Filológica, nº 10, Ano II. Rio. p. 15-17.

1954

Os estudos gramaticais latinos. In: Anuário da Faculdade Fluminense de Filosofia. Niterói. p. 111-118.

Obs: Este artigo mereceu uma publicação póstuma in Revista de Portugal. XXX. 1965.

1959 Sugestões Metodológicas para a Execução do Ensino de Português. In: Revista Escola Secundária. Rio. II. CADES p. 54-64. 1959

1955

- ✓ A Propósito de Minha Gramática Histórica. In: Revista Brasileira de Filologia. Rio. Acadêmica, VI - 1, p. 27-51. [Resposta a Silveira Bueno]
- ✓ Resposta a um Crítico. In: Revista Filológica. Rio, nº 4, p. 45-58.
- ✓ Recensão Crítica: Angelo Monteverdi. Manuale di avviamento agli studi romanzi. Le lingue romanze. Casa ed. Francesco Vallardi, Milano, 1952, in 8º, 256 pp. In: Revista Brasileira de Filologia. Acadêmica. 1,2 p. 217-219.

1956

- ✓ Recensão crítica: Albert Blaise. Manuel du latin chrétien. Strasbourg. 1955. In: Revista Brasileira de Filologia. Rio. Acadêmica. 2 (1); p.127-128.
- ✓ Resposta a um Crítico. In: Revista Filológica, Rio, nº 5, II, p. 43-56.

✓ 1958

- ✓ Prefácio: Bíblia Medieval Portuguesa I. S. Silva Neto. MEC. INL. Rio.

1964

? A Vida Amorosa de Horácio. Conferência proferida na Sociedade Brasileira de Romanistas. Rio.

✓ A Desinência do Acusativo do Singular no Indo-Europeu. Comunicação feita na Sociedade Brasileira de Romanistas e publicada in Romanitas, Ano III, vol. 2, Rio. p. 41-45. [manuscrito no I. Letas, V.F.F, sala 407]

- ✓ Prefácio: O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa. Luís Carlos / Lessa. Fundação Getulio Vargas. Rio, 1966.

Obs.: Apesar de sair a publicação somente em 1966, o prefácio foi escrito em 1964.

Cabe, neste capítulo, lembrar que o professor Ismael Coutinho escreveu inúmeras poesias em sua juventude, muitas delas, publicadas em seções literárias de revistas e jornais, além de conferências extra-lingüísti-

cas, como aquela sobre o Cristianismo. Muitos discursos também poderiam ser consignados aqui, mas talvez não interessem ao objetivo deste trabalho.

2.1.2 - Inéditos

Relacionamos, aqui, os artigos que conseguimos reunir do professor Ismael Coutinho e que não encontramos publicados em nenhuma das revistas para as quais costumava colaborar, além do trabalho que vinha desenvolvendo nos dois últimos anos de sua vida.

O "Z" no Antigo Latim (junho de 1964)

Estudo sobre "Parricida"

História de uma Palavra: "Persona"

Estremunhar, estremunhado. Este artigo teria sido escrito para publicação in Miscelânea de estudos em homenagem a S. Silva Neto, o que não se verificou.

Notas sobre etimologia de escorregar, estro e ascalfar, sem redação final.

O verso Hexâmetro. Artigo encontrado datilografado, com algumas correções, sem que possamos esclarecer as intenções.

Estudo sobre a "Ândria" de Terêncio. Seria este trabalho, em que vinha se ocupando intensamente nos dois últimos anos de sua vida o professor Ismael Coutinho, a tese que pretendia apresentar para concurso à Cátedra de Língua e Literatura Latina. Com efeito, regia o professor, interinamente, esta cadeira, desde a fundação da antiga Faculdade Fluminense de Filosofia, desmembrada posteriormente em vários Institutos, entre eles o Instituto de Letras integrado à atual Universidade Federal Fluminense.

2.2 - Bibliografia Passiva

→ AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Adeus, Mestre Ismael. "Jornal do Comércio". Rio. 05.08.1965.

BAPTISTA FERREIRA, Durval de Almeida. Depoimento para a História da Vida

e da Obra de Ismael de Lima Coutinho. Discurso proferido no Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Niterói, 1965.

CÂMARA JR., Mattoso. Ismael de Lima Coutinho - Pontos de Gramática Histórica. A Cigarra (Rev. da Editora "O Cruzeiro"), Rio, 1958.

_____ Dispersos. Rio. Fundação Getúlio Vargas, 1972 p. 214 - 215.

[Uchôa]
CHAVES DE MELO, Gladstone. Iniciação à Filologia Portuguesa. Rio, Acadêmica, 1957, 2ª ed., p. 68.

ELIA, Sílvio. Ensaio de Filologia. Rio. Acadêmica, 1963, p. 203.

_____ Os Estudos Lingüísticos na América Latina. I, Suplemento Literário de "O Estado de São Paulo", 31-11-1970.

HAMPL, Zdenek. Ismael de Lima Coutinho. In: Philologica Pragensia, 1. Praga, 1966, p. 68-69.

MATA MACHADO FILHO, Aires da. Ismael de Lima Coutinho. In: "O Diário", Belo Horizonte, 05.08.1965.

→ MADEIRA, Marcos Almir. Verbo e Coração Vernáculos. In: Seção Prosa e Verso de "O Fluminense", Niterói, 01-08-1965.

NEVES, Nilo. A Grande Ausência. In: "O Fluminense". Niterói, 08.08.1965.

TORRES, Alberto. Em Louvor do Mestre. In: "O Fluminense", Niterói, 08.08.1965

TORRES, Artur de Almeida. Ismael de Lima Coutinho. In: Revista de Portugal-Língua Portuguesa. XXX, Portugal, 1965.

VALLE, Rosalvo do. Professor Ismael de Lima Coutinho. In: Estudos Lingüísticos, VI, nº 1. São Paulo, julho de 1966.

_____ Prefácio da Gramática Histórica. 6ª edição. Rio. 1967.

_____ Meu Mestre Ismael Coutinho. Discurso proferido na Academia Brasileira de Filologia e publicado no "O Fluminense", Seção Prosa e Verso, 9.10.1965.

3 - FONTES DE SEU CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO

Estabelecer as fontes do conhecimento lingüístico de Ismael de Lima Coutinho não é tarefa difícil. Elas se apresentam, não apenas ao per-

correremos as páginas de sua principal obra, mas, ainda, em suas próprias palavras, no prólogo da 1ª edição da Gramática Histórica, quando diz:

Apoiando-nos sempre na autoridade dos mestres, assim nacionais que estrangeiros, entre os quais é de justiça / apontar Meyer Lübke, Julio Cornu, Frederico Diez, Hubert, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Carolina Michaëlis, João Ribeiro, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, etc.

Junte-se ao seu depoimento, a apreciação que faz Sílvio Elia, ao destacar o embasamento clássico de sua formação. É assim que, além de outras considerações, ressalta ser o autor da Gramática Histórica,

de boa formação clássica, praticando com rigor e mestria o método histórico-comparativo, é dos poucos que se movem, com segurança, no domínio indo-europeu, vindo diacronicamente dessa protolíngua ao latim, através do italiano, e daí às línguas românicas, particularmente a portuguesa.¹

4 - A GRAMÁTICA HISTÓRICA

Esta obra, como reza o testemunho do próprio autor, foi o resultado de lições professadas em classe, nos estabelecimentos de ensino onde exerceu sua atividade.² Publicada primeiramente em fascículos, logo sentiu o autor, motivado pelo incentivo de alunos e colegas, a necessidade de reunir as lições em um compêndio, surgindo, então, em 1938, a primeira edição, com um prólogo cheio de justificativas por "erros e senões", como requeria a personalidade sempre modesta de Ismael Coutinho.

Esgotada, surge a 2ª edição, em 1941, revisada com "carinho"

¹ In: Sílvio Elia. Ensaio de Filologia, p. 203

² Ismael Coutinho, Gramática Histórica. Prólogo da 1ª ed. Rio. 1938.

para "expurgar" os senões da publicação anterior.

Embora já há muito estivesse esgotada a 2ª edição, a 3ª só aparece em 1954, por razões diversas que não permitiam ao autor submetê-la a uma cuidadosa revisão. Ainda que a obra continuasse essencialmente a mesma, foram corrigidas algumas falhas, quais sejam, a ampliação de capítulos ou atualização de conceitos, já então "menos verdadeiros". A partir de então, o livro serviria também a alunos do ensino superior. Mereceu esta edição extensa crítica do professor Silveira Bueno, da Universidade de São Paulo, e do professor Mansur Guérios, da Universidade do Paraná. Estas críticas levaram o autor a publicar dois artigos intitulados Resposta a um Crítico (1955 e 1956), pela Revista Filológica, indicada na bibliografia e A Propósito de minha Gramática Histórica, publicada na Revista Brasileira de Filologia, / 1955.

Em prazo mais curto do que o esperado, esgota-se a 3ª edição / e, em 1958, é publicada a 4ª edição, revista e aumentada, mas não tanto quanto desejava o autor que, sempre preso a outros encargos mais prementes, se via impossibilitado de se dedicar mais profundamente à revisão de sua gramática que lhe era, como ele mesmo afirma, "uma espécie de filho intelectual."

Nesta edição, diz o autor, "além das correções feitas aqui e ali, acrescentamos dois capítulos, um sobre perfeitos fortes e o outro relativo aos elementos gregos mais frequentemente usados em português". Explica que este último capítulo que já aparecera na 1ª edição fora retirado das seguintes por parecer dispensável a alunos do curso secundário. Sua permanência na obra ampliaria demasiadamente o volume com os acréscimos que lhe vinha fazendo a cada edição. Agora, no entanto, é justificável a sua reinclusão.

Não demorou muito para se esgotar mais esta edição. E, dois anos decorridos, foi o autor solicitado a preparar uma 5ª edição, lançada, finalmente, em 1962. Esta seria a última publicação da Gramática Histórica em vida do autor. Nela procura sanar a lacuna verificada nas edições anteriores, com a indicação mais precisa das numerosas citações ~~feitas~~. Além disso, teorias mais modernas foram acrescentadas e várias correções feitas.

Seria interessante assinalar que o autor, talvez levado por um fator afetivo, não se sentisse encorajado a alterar em muito o texto original, o que podemos observar no tipo diferente que usava, sempre que introduzia uma modificação ou acréscimo. Isto pode verificar-se logo na introdução, nos parágrafos 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 18. O mesmo se pode observar no parágrafo 26, sobre a origem da linguagem que traz aos leitores conceitos mais modernos. E assim, sempre que alguma alteração se impunha, era feita no mesmo sistema.

Em vez de uma apreciação mais aprofundada da obra maior de Ismael Coutinho, considerando a natureza suscinta desse trabalho, preferimos alinhar alguns depoimentos de conhecidos e respeitados nomes desta área de estudos, pois, como diz o professor Rosalvo do Valle, no prefácio da 6ª edição fotografada

a obra já foi julgada. Não bastasse a crítica de linguistas e filólogos que a têm apontado como certamente o melhor compêndio sobre a história externa e interna da / língua portuguesa, já pela segurança da doutrina, já pela exposição didática, aí está para consagrá-la o acolhimento dos leitores que têm esgotado as edições em prazos surpreendentes.

Ou, ainda:

apresenta com segurança doutrinária e numa convidativa linguagem didática uma visão geral da história externa e interna da língua portuguesa, precedida de uma introdução que se destina a aparelhar o leitor de noções lin

güísticas indispensáveis ao entendimento pleno de alguns capítulos.¹

Podemos lembrar a posição de M. Câmara Jr. que diz ser a Gramática Histórica uma obra

que pode ser confrontada com as obras clássicas de J. Joaquim Nunes em Portugal e de Edwin Williams. Tem sobre Nunes a superioridade de uma exposição elegante e / equilibrada e sobre Williams o estilo discursivo e coerente, além do compreensivo quadro histórico-social."²

Mas há, no entanto, quem diga que sua maior obra são seus discípulos. Não andou muito longe da verdade o prof. Torres, pois realmente, Ismael Coutinho foi o mestre por excelência, e, talvez, por isso, para não prejudicar seus trabalhos didáticos que exerceu com grande sabedoria e amor, / honrando as melhores tradições do magistério, talvez não nos tenha legado / uma produção proporcional a sua "intensa atividade cultural."³

Para finalizar este parágrafo diremos que a Gramática Histórica já recebeu a partir de 1967, data da primeira impressão fotografada da 5ª edição, até hoje, sete impressões, sendo que em 1973 foram lançados 6.000 volumes e em 1974, 10.000. É inacreditável a receptividade dessa obra, não apenas no Brasil como em Portugal.

5 - AS ETIMOLOGIAS

São vários os artigos sobre etimologia deixados pelo professor Ismael Coutinho. Realmente o consagrado mestre se comprazia em descobrir e

¹ Rosalvo do Valle. Estudos Lingüísticos, p. 38

² In: Dispersos "Os estudos de Português no Brasil", p. 214-215

³ Rosalvo do Valle. Estudos Lingüísticos, p. 37.

estudar a história de palavras que apresentavam controvérsia quanto a sua etimologia. Assim é que pesquisou a origem de várias delas como acabrunhar, publicada na Miscelânea. em honra do professor Nascentes, além de parricida, persona, extremunhar, escorregar, etc., ainda inéditos. Outros apontamentos mais antigos, encontramos relacionados a estas pesquisas, e deles trataremos em outra oportunidade.

6 - OS INÉDITOS

Tomando por base a mesma ordem da apresentação bibliográfica dos inéditos, faremos um breve comentário a cada um dos artigos relacionados.

6.1 - O "Z" no Antigo Latim

Sobre a presença do "Z" no antigo latim, demonstra-nos o autor as dificuldades que se apresentam na formulação dos conceitos, devidas à escassez de documentação nos textos mais antigos, anteriores à influência grega. De sua existência diz que temos notícia, apenas, por uma informação de Mélio Longo, gramático do século II, que nos foi transmitida por Varrão. Continuando a exposição, apresenta outras provas, primeiro de sua existência, depois de sua eliminação do antigo alfabeto latino. Para fundamentar sua teoria, fala-nos das palavras grafadas com z, encontradas na Tabula Bantina, da discutida inscrição do Vaso Duenos, da ocorrência do z no alfabeto etrusco, que deu origem ao latino. Também as línguas e dialetos itálicos, que conservaram o z podem comprovar sua existência. Finalmente, firma sua posição, trazendo-nos o depoimento de autoridades em "assunto de fonética latina ou com ela relacionado", como o de Georges Edon, Egbert, Kent, Seelmann, / Wilhelm Brunsbach, Sommer e Ernesto Faria a quem, como revela o próprio au-

tor, dedicou o trabalho.

6.2 - Estudo sobre "Parricida"

Sobre a palavra Parricida nos mostra que, primitivamente, não tinha o sentido que lhe damos hoje, mas se referia a qualquer cidadão, pois o vocábulo foi "desde cedo identificado pelos romanos como um composto de pater ou parentes, de que resultou o sentido de "assassino do pai ou da mãe", e que mais tarde se tornou exclusivo, como demonstram as línguas românicas". Continua o artigo tecendo outras considerações sobre a evolução semântica da palavra. Mas a dificuldade se encontra em estabelecer sua etimologia. De monstra ser este, evidentemente, "um vocábulo composto, cujo segundo elemento - cida (-s) pertence à mesma raiz de caedo, matar. A dificuldade está em identificar o primeiro elemento pari - ou parri-, para o que várias hipóteses são apresentadas. Finalmente, após muitas considerações plausíveis, encerra afirmando: "não pretendemos desatar o nó górdio. O nosso objetivo é sobretudo por de sobreaviso os nossos colegas, que vêm no primeiro elemento do composto um derivado de pater." Diz que o enigma permanecerá como um desafio, e termina com uma citação de Marouzeau.

6.3 - História de uma Palavra: "Persona".

Para a palavra persona, também de discutida origem, toma como referência inicial a etimologia encontrada em Aulo Gélcio. Traz-nos, a seguir, as novas hipóteses aventadas por Keller, que sustentou ser um empréstimo grego "provindo de $\pi\rho\sigma\omega\nu\alpha$, cuja significação conviria em parte ao latim persona. Não aceita a justificação por uma razão fonética que explica após. Formula, então, a hipótese de Dunkle, que também recorreu ao grego em sua explicação, e a de Duke e Skutsch, que afirmam ter essa palavra uma origem

etrusca. Depois de tais considerações, conta-nos a história de persona, sua evolução semântica e finaliza com a relação de uma série de "derivados e compostos da forma erudita persona".

6.4 - Extremunhar. Estremunhado.

No artigo sobre estremunhado apresenta, inicialmente, as várias etimologias propostas por Adolfo Coelho, Caldas Aulete, Cândido de Figueiredo, Júlio Moreira, consignadas no Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes. Continua expondo outras hipóteses sugeridas por Sá Nogueira, Leo Spitzer, José Pedro Machado com quem, aliás, se declara de pleno acordo, quando ele afirma ao registrar estremunhado: "etimologia obscura, pois nenhuma das explicações até agora aparecidas satisfaz." A seguir, declara o autor: "como estamos no domínio das hipóteses, não virá nenhum mal ao mundo que se proponha mais uma." Apresenta sua hipótese em detalhada exposição, deixando a última palavra aos entendidos.

6.5 - Estudo sobre a "Ândria" de Terêncio

Resta-nos, por fim, falar sobre o trabalho que vinha realizando com o maior entusiasmo, quando foi colhido pelo trágico acidente que o vitimou. Seria sua obra-prima, temos a certeza disso, o coroamento de todo / seu trabalho, tal o esmero e a dedicação que vinha devotando a esta pesquisa. Para seu aprimoramento encomendara da Europa vários livros especializados, alguns dos quais, chegados após seu desaparecimento. Trata-se, como se sabe, de uma monografia sobre a obra de Terêncio, focalizando a peça "Ândria". Pouco diremos sobre isto, agora, já que é nossa intenção, com um estudo minucioso do assunto, organizar esse trabalho para uma possível publicação póstu

ma do autor. Diremos apenas que nos deixou traduzida toda a peça, fez um levantamento integral do vocabulário de Terêncio, estudou os personagens, a métrica e vários fatos sintáticos característicos da obra.

Antes de encerrarmos este capítulo, deveremos lembrar os pontos sobre a fonética, a morfologia e a sintaxe latina, que elaborava, nos intervalos, para orientação de seus alunos. Reunidos dariam um valioso trabalho.

7 - CONCLUSÕES

Se poucos trabalhos escritos recebemos do professor Ismael Coutinho, não se pode negar sua enorme colaboração no desenvolvimento cultural fluminense, ou porque não dizer, brasileiro. Ela se faz sentir nas gerações que passaram, como anteriormente dissemos, por suas aulas, quando soube despertar o gosto pelo estudo da língua, orientando vocações, muitas vezes, no convívio com o grande mestre. Se não fora assim, o seria pelas lições extra-classe, que dava a quantos o procuravam em consultas por cartas, telefonemas ou visitas a sua residência. Podemos repetir aqui as palavras do eminente educador fluminense, prof. Francisco Bittencourt Silva, num depoimento prestado ao Jornal "O Fluminense".¹

O professor Ismael Coutinho teve o privilégio das mais nobres qualidades do verdadeiro mestre. Senhor da ciência da linguagem e didata perfeito, suas lições aclararam inteligências e despertaram vocações. Sua Cátedra iluminou-se de autoridade nascida do saber, da modéstia, da bondade e da justiça.

A este depoimento, poderíamos acrescentar outros de renomadas figuras dos estudos lingüísticos e filológicos, como o de Sílvio Elia: "Isma

¹ Fco. Bittencourt Silva: "O Fluminense". Seção Prosa e Verso, 01.08.65.

el Coutinho, dono de sólida e larga cultura, que procurava esconder através de espontânea e límpida modéstia."¹ ou o de Artur Torres: "... conquistou Ismael Coutinho, a despeito de sua profunda modéstia, o merecido renome de um dos mais acatados cultores da filologia no Brasil;"² ainda o de José Pedro Machado, em carta à família do professor: "A morte de Ismael Coutinho foi uma grande perda luso-brasileira... Na verdade, todo o mundo culto o / sentiu, em particular o luso-brasileiro";— da mesma maneira, o de Zdenek / Hampl: "É uma grande perda, tanto humana como científica".

Como conclusão de nosso trabalho, diríamos que não se pode deixar de notar que, nos depoimentos apresentados, sempre um fato pode ser observado - nunca a figura humana do mestre esteve dissociada da figura do intelectual. Parece que uma se refletia na outra, e, a tal ponto, que se encontravam intimamente ligadas. Sua forte presença humana é notada até em sua obra científica. Nós, que conhecemos bem de perto o inesquecível mestre, sabemos, com certeza, de que isto é a mais pura expressão da verdade.

¹ In: Filólogos Brasileiros. S. Elia. Suplemento Literário de "O Estado de São Paulo", 14.03.1971

² Artur Torres. Revista de Portugal.

EM TORNO DE UMA PRONUNCIA

Candido de Figueiredo, diz que devemos dizer *Quiloa*, em vez de *Quilôa*, pronuncia hoje geralmente seguida.

Fundamenta a sua opinião com as duas seguintes razões:

1.ª Si outra fosse a pronuncia da palavra, o verso de Camões, "A Quiloa fertil arpero castigo" estaria errado;

2.ª E' a pronuncia commum dos inglezes.

São bem fracas as razões que se vão buscar aos poetas da idade classica para o estabelecimento de uma pronuncia, pois, é bem conhecido de todos, pelo menos dos estudiosos, o seu exaggero no uso das chamadas licenças poéticas.

Camões, que é a alavanca de Archimedes do sr. Candido de Figueiredo no caso em questão, deixou-se tambem influenciar pelos exemplos dos seus antecessores e contemporaneos, e perpetrou, nos "LUSADAS", *Dário, Próteo, Théseo, Semirâmis, Naidés, Cleopatra, Eólo, Ethíops*, etc., que eu aposto que o sr. Candido de Figueiredo não subserveiria.

Quer, pela necessidade do verso, escreveu *Dário, Próteo, Théseo*, etc., não poderia tambem, pela mesma necessidade, ter escripto *Quiloa*? A resposta fica ao sr. Candido de Figueiredo.

A segunda razão do sr. Candido de Figueiredo é de tal modo inconsistente, que nem parece ser de um philologo.

Ora, o inglez! Que tem que o inglez diga *Kilwa* e nós *Quilôa*? Não diz o inglez *potatoes* e nós *batatas*?

Cada qual governa em sua casa! Nem festé errado o inglez quando diz *potatoes*, nem nós quando dizemos *batatas*.

Em questão de linguagem, nada devemos ao inglez, somos completamente autónomos. Dependemos da Inglaterra sómente na questão monetaria. Em tudo mais, somos livres.

Os inglezes dizem *Milan* e nós, que nada temos que ver com os inglezes, dizemos *Milão*; os inglezes *Róterdam*, nós *Rotterdão*; *Bérlin*, nós *Berlim*; *Páris*, nós *Paris*; *Brasil*, nós *Brasíl*; *Portugal*, nós *Portugál*; *Hólland*, nós *Hollanda*; *Hánover*, nós *Hanóver*; *Kilwa*, nós... como dizemos nós?

Gibraltár, que o sr. Candido de Figueiredo, aliás com muita razão, disse que é palavra oxytona, tambem não passou incolume pela bocca dos inglezes. De *Gibraltár*, que é a pronuncia correcta, conforme a etymologia que explica com o nome do chefe arabe *Tarik*, em que o *a* é longo, o alongamento da ultima syllaba de *Gibraltar*, sabe o sr. Candido de Figueiredo o que fizeram os inglezes? Nem mais nem menos que *Gibráltar*.

Veja o sr. Candido de Figueiredo, pelo que ahi fica dicto, que escolher o inglez, como guia, na pronuncia de uma palavra portugueza, é ser discipulo de um pessimo mestre.

Devemos pronunciar *Quiloa* ou *Quilôa*? Pronunciem lá como quizerem. Eu vou na onda com os que pronunciam *Quilôa*. Estou errado? Não importa. Enquanto não vierem razões mais fortes...

Ismael Continho.

NOTA--A' nossa revisão do artigo do numero passado "Motivos frageis" ainda escaparam os seguintes erros: *Euaminemô* em que... por *examinemos as razões em que...*; *homophonia* por *homophonía*; *elemento da formação* por *elemento de formação*; *inumeras* por *inumeros*.

I. C.

"Município" de 10-2-1924
Lavras (MG)

① *Quilôa*, I. C. nos tem razão, pelo menos quanto a *Quilôa*
cf. Luz, *Indice analítico*, 1.ª ed., p. 228